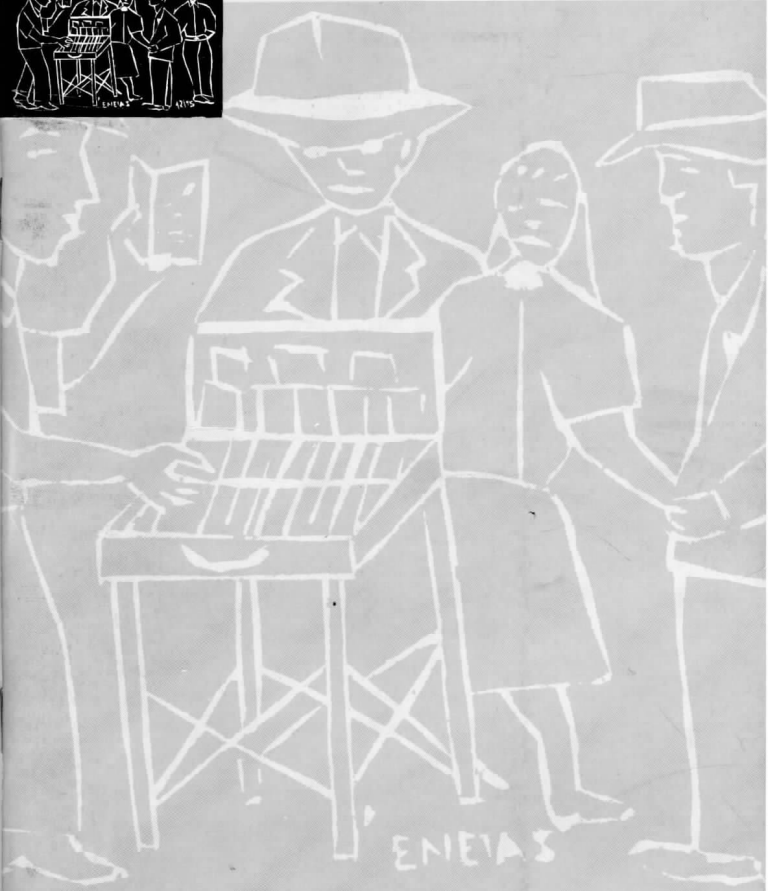
Cadernos técnicos **1**



FUNARTE CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR BIBLIOTECA AMADEU AMARAL

CATALOGAÇÃO DE FOLHETOS DE CORDEL

Cadernos técnicos **1**

CATALOGAÇÃO DE FOLHETOS DE CORDEL

FUNARTE CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR BIBLIOTECA AMADEU AMARAL

Rio de Janeiro
2002

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Fundação Nacional de Arte
Presidente
Márcio Souza

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Coordenadora
Claudia Marcia Ferreira

Biblioteca Amadeu Amaral
Responsável
Marisa Colnago Coelho

Texto
Maria Rosário de Fátima Pinto

Projeto gráfico
M. Alzira Reis

Edição e revisão de textos
Lucila Silva Telles
Maria Laura van Boekel Cheola

Capa: SANTOS, Enéias Tavares. Folheteiro. In: _____. *Xilogravura popular*. Rio de Janeiro: Funarte, CDFB; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura, 1976.

Patrocínio

VITAE

Apoio

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

B582 Biblioteca Amadeu Amaral
Catalogação de folhetos de cordel / Maria Rosário de Fátima Pinto. – Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002.

32 p. : il. – (Cadernos técnicos ; n. 1).
ISBN 85-7507-032-0

1. Folhetos de cordel – Catalogação.
2. Literatura de cordel. I. Pinto, Maria Rosário de Fátima. II. Série.

CDU 025.3(041)

Ilustrações

p. 3: DILA. *Lampião e Maria Bonita*. Caruaru: Sabaó Folheto, [19—]. 8 p. Capa: xilogravura de Dila.

p. 6: MONTEIRO, Adalto Alcântara. *A desconfiança do povo e a humilhação do boi sacrificado*. [S.l.: s.n., 19—]. 8 p. Capa: xilogravura sem indicação de autoria.

p. 7: LEITE, Barbosa. *A arte do cordel na poesia popular*. Rio de Janeiro: Imprimec, 1977. 16 p. Capa: xilogravura de BL

p. 9: DILA. *Bode cangaço e lutas*. [S.l.: s.n., 19—]. 8 p. Capa: xilogravura de Dila.

p. 10: CAMPELO, Sepalo. *A Copa 86: das oitavas ao final*. Niterói: [s.n.], 1986. 10 p. Capa: xilogravura de Marcelo Soares.

p. 12: BARROS, Leandro Gomes de. *Peleja de Riachão com o diabo*. Fortaleza: Tupynanquim, 2001. 16 p. Capa: xilogravura sem indicação de autoria.

p. 15: SILVA, Severino Borges da. *Peleja de Severino Borges com Patativa do Norte*. [S.l.: s.n., 19—]. 16 p. Capa: xilogravura de DILA.

p. 16: PACHECO, José. *A chegada de Lampião no inferno*. [S.l.: s.n., 19—]. 8 p. Capa: xilogravura sem indicação de autoria.

p. 17: O PAVÃO misterioso. São Paulo: Ed. Graf. Souza, [19—]. 32 p. Capa: desenho sem indicação de autoria.

p. 18: VIANA, Arievaldo. *O príncipe Natan e o cavalo mandigueiro*. Fortaleza: Tupynanquim, 2000. 32 p. Capa: xilogravura de José Costa Leite.

p. 19: DILA. *São Pedro e Jesus*. [S.l.: s.n., 19—]. 8 p. Capa: xilogravura de Dila.

p. 20: DILA. *Trovoada e seus cangaceiros*. Caruaru: Sabaó Folhetos, 1978. 8 p. xilogravura de Dila.

p. 21: DILA. *São Cipriano e a bruxa Espady*. Caruaru: Artefolheto São José, 1976. 8 p. Capa: xilogravura de Dila.

p. 23: DILA. *Fui viqueire*. [Caruaru: s.n., 19—]. 8 p. Capa: xilogravura de Dila.

APRESENTAÇÃO

A Biblioteca Amadeu Amaral, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Funarte, possui uma das mais importantes coleções de folhetos de cordel do país. Formada a partir da década de 1950, por meio de pesquisas de campo ou de doações, totaliza hoje cerca de seis mil exemplares, nos quais se incluem cantorias e desafios, abrangendo temas como cangaço, religiosidade popular, atividades cotidianas, fatos políticos, etc. Entre os autores, destacam-se nomes como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, Cordeiro Manso, João Martins de Athayde e Rodolfo Coelho Cavalcante, cujos títulos se distinguem por sua raridade, tanto entre os mais antigos – alguns datam de 1908 – quanto entre os mais recentes. Destacam-se ainda edições feitas por profissionais que sedimentaram e difundiram o cordel com suas publicações.

A primeira tentativa de sistematização da coleção ocorre em 1984, no âmbito do Projeto Memória da Literatura de Cordel, que objetivava registrar os depoimentos dos poetas populares mais expressivos do país e enriquecer o acervo de folhetos de cordel e xilogravuras da Biblioteca Amadeu Amaral com novas aquisições. Naquele ano, sua atuação centra-se no Rio de Janeiro. É inaugurada, nesta instituição, com mostra de produção dos poetas e xilógrafos populares, a Galeria Leandro Gomes de Barros, em funcionamento até 1990. Além disso, são realizadas visitas técnicas a instituições que possuem acervos similares, como a Fundação Casa de Rui Barbosa e a Casa de Cultura São Saruê, para subsidiar o tratamento técnico da coleção. Tem início, então, uma catalogação simplificada e a criação de uma base de dados manual com recuperação, por autor e título, por meio de fichas. No governo Collor, a Funarte é extinta e o projeto interrompido com a saída do técnico responsável.

Em 1996, com a incorporação de técnico da área de literatura a sua equipe, a Biblioteca retoma o projeto de dinamização dessa coleção. A partir da troca de correspondência com especialistas da área e visitas técnicas a instituições congêneres, opta pela catalogação e indexação compatibilizadas com os demais acervos bibliográficos, seguindo a primeira os padrões estabelecidos internacionalmente pelo Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR-2), sendo a segunda controlada pelo Tesauro de Folclore e Cultura Popular. O Tesauro, ainda em desenvolvimento pela equipe da Biblioteca, norteia, hoje, toda a recuperação dos acervos bibliográfico, fotográfico, fílmico e discográfico do CNFCP.

Cabe lembrar a fundamental contribuição dos cordelistas, responsáveis pela maior quota de doações ao acervo.

Com o fim de garantir a integridade física dos folhetos de cordel, em 2001 é firmado entre a Funarte e a Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas do Ministério da Cultura convênio que permitiu a higienização, restauração e acondicionamento adequado da coleção.

Com o projeto Preservação da Memória Popular – Xilogravuras e Folhetos de Cordel, apoiado pela Vitae e iniciado no final do mesmo ano, o acervo é digitalizado e gravado em mídia ótica, em condições eficazes de consulta, sem riscos de deterioração dos originais.

A publicação deste caderno disponibiliza ao público a metodologia adotada para o tratamento desse acervo, permanentemente procurado por pesquisadores nacionais e estrangeiros, na Biblioteca Amadeu Amaral.

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel tem origem nos romanceiros da Península Ibérica e da França, sendo denominada, na Espanha, *pliégos sueltos*; em Portugal, *folhas volantes* ou *avulsas*; na França, *littérature de colportage*.

O termo *literatura de cordel*, originário de Portugal, está relacionado à forma de exposição desses folhetos – presos em barbantes (cordéis) – nas feiras ou nas casas em que são vendidos.

Como nos diz Franklin Maxado Nordestino, em seu folheto *O cordel do cordel*,

O folheto é mostrado
No cordel, que é cordinha,
Onde o vate despendura
Seus romances e folhinha
P'ra vendê-los na Europa,
Fazendo sua feirinha.

Ou Juvenal Evangelista dos Santos, em *Origem da literatura de cordel*:

Porque chamou-se cordel
Por ser vendido em cordão
Devido lama e poeira
Ficava alto do chão
Da cultura cordelista
É a sua tradição.

No início, a literatura de cordel serve à divulgação de histórias tradicionais, narrativas que a memória popular ia conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, narrativas de guerras, viagens ou conquistas marítimas. Surgem também narrativas de fatos e acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população.

Em Portugal, a literatura de cordel constituía-se em uma das principais fontes de informação e veiculação de notícias, começando a perder força com a popularização do jornal. No Brasil, onde surge por volta do século 16, entretanto, sua importância continua a crescer, sobretudo no Nordeste, apenas ameaçada, mais tarde, pelo advento do rádio e da televisão. Maxado Nordestino segue explicando-nos as origens portuguesas:

O cordel veio da Europa
Com a poesia e repente.
Quando surgiu a Imprensa,
Foi escrito para a gente
O que se falava e cantava
Na inspiração quente.

Em território brasileiro, o cordel atingiu maior expressão no Nordeste. Isso se deu graças às condições sociais e culturais peculiares daquela região, tais como: o cangaço, a proliferação de manifestações messiânicas e os desequilíbrios socioeconômicos provocados, entre outros fatores, pelas secas periódicas (Diégues Jr., 1973). Ainda Maxado, no mesmo folheto, sobre a adaptação por que passou essa arte naquela região:

Também, mostrava as lendas
Que aqui se misturaram
Com as dos nossos indígenas
E as dos negros, que chegaram,
Ficando mais no Nordeste,
Onde lhe admiraram.

E, sobre os grandes temas e personagens:

Na colonia se criou
Com raiz lá no Nordeste.
Seus heróis medievais,
Foram os cabras da peste
Com Lampião pela frente,
Se espalhando pelo Leste.

A realidade da região determina que os primeiros folhetos sejam manuscritos. Só posteriormente passam a ser confeccionados em tipografias rudimentares. A partir do início do século 19 surgem as primeiras tipografias e editoras de expressão na publicação de folhetos de cordel, sendo as mais tradicionais instaladas em Belém (PA), como a Guajarina, e, posteriormente, em Juazeiro do Norte (CE), que se torna um dos grandes pólos desse tipo de publicação, destacando-se, então, a Tipografia São Francisco.

Maxado também nos dá informações sobre poetas, editores e vendedores:

Seus poetas são também
Editores e vendedores.
Saem lendo e cantando,
Procurando os leitores
Que gostam das novidades
E versos de mil amores.

A legendária figura do Padre Cícero Romão Batista atrai, no início do século 19, para a região do Cariri, um grande fluxo de romeiros, que se fixam em Juazeiro do Norte. Ali são instalados jornais, entre eles *O Rebate*, que publica, em sua seção Lyra Popular, versos de Leandro Gomes de Barros e Cordeiro Manso. Na década de 1920, chega àquela cidade o romeiro José Bernardo da Silva, vendedor ambulante que faz o percurso das feiras nordestinas e inclui, entre os produtos que comercializa, alguns folhetos de cordel. A iniciativa tem grande aceitação e José Bernardo decide, então, tornar-se impressor: adquire uma máquina de pedal e inicia suas atividades de tipógrafo. Trabalha inicialmente com clichês encomendados em capitais nordestinas, mas a demora nas remessas – de dez a quinze dias – o levam a buscar alternativas para sua produção. Recorre, então, aos escultores e santeiros da região para a confecção das capas, dando início à tradição do uso de xilogravuras em folhetos de cordel. Instala sua Tipografia São Francisco e se estabelece definitivamente como tipógrafo e editor de folhetos de cordel.

Ressaltamos, aqui, sua veia poética, nos versos em que nos fala de seu ofício de tipógrafo, citados por Liêdo Maranhão em *O folheto popular (sua capa e seus ilustradores)*.

Não sou poeta vos digo
Mas com rimas arranjo o pão.
Sou chapista e impressor,
Sou bom na composição.
O meu saber se irradia,
Conheço com perfeição.
Agradeço esta opulência
À Divina Providência
E ao Padre Cícero Romão.

Por volta da década de 1920, começam a chegar ao Brasil, vindos da Europa, principalmente da França, os cartões-postais, despertando grande interesse entre a população. Os cordelistas, atentos a todos os movimentos da sociedade, logo dão início ao uso de suas imagens como ilustrações de capas de folhetos.

O cinema também exerce grande influência na poesia popular, tanto no que se refere aos temas, como na utilização de fotografias, sob forma de clichês, para compor as capas. Essa prática torna-se viável em função de seu baixo custo, visto que os clichês são adquiridos em jornais locais após o uso na divulgação dos filmes da semana. Em um de seus folhetos, com capa e tema extraídos das telas do cinema, João José da Silva usa uma fotografia de Ingrid Bergman, tirada do filme Joana D'Arc, e conta:

Em uma linda manhã
eu peguei a minha pena
para versar um passado
que numa tela serena
vi passar com emoção
partes desta triste cena.

Mesmo nos dias de hoje, a divulgação dos folhetos é feita basicamente nas feiras e praças públicas, cabendo esse papel à figura do cantador, que nem sempre é autor dos versos que canta. É curioso notar que muitos deles decoram os versos, visto não serem alfabetizados, sendo comum a presença de cegos, que, afastados do mercado de trabalho e sem possibilidades de ganhos, buscam apoio nos cordelistas, cantando nas feiras em troca de algum tipo de remuneração. Em Portugal, aliás, essa produção é chamada também 'literatura de cegos', que tem origem em ato do rei D. João V, de 07 de janeiro de 1749, que concede à Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, de Lisboa, a prioridade nas vendas dos folhetos. É o que nos afirma Américo Pellegrini Filho (1997).

As atividades de criação, produção, divulgação e venda da literatura de cordel – poetas criando versos; tipógrafos e trabalhadores gráficos produzindo folhetos; desenhistas e xilógrafos ilustrando capas; cegos cantando nas feiras para divulgar e vender folhetos –, apesar dos parcos recursos que movimentam, geram emprego e renda para significativa fatia da sociedade.

A repercussão obtida pelos xilógrafos nas ilustrações de capas de folhetos traz para os entalhadores de madeira nova perspectiva de trabalho. E à medida que se especializam e aperfeiçoam suas técnicas, vão, aos poucos, desvinculando-se da produção de ilustrações e ganhando novos espaços. Experimentam ampliar as dimensões das matrizes, aperfeiçoam os traços, usam cores e instrumentos mais elaborados, além de novos materiais – como borracha e tecido – e passam a numerar, datar e assinar suas obras. A xilogravura ganha, assim, corpo e identidade próprios.

Ainda em *O cordel do cordel*, Franklin Maxado Nordestino homenageia esses artistas:

Muitos são os gravadores,
Fazendo xilogravuras
Que ilustram suas capas
E páginas com figuras,
Trabalhando em madeiras.
Sejam moles ou bem duras.

Na esteira das correntes migratórias para o sul do país, inicia-se, com a fundação, em 1952, em São Paulo, da editora Prelúdio, hoje Luzeiro, o processo de publicação de folhetos naquela região. A presença da literatura de cordel nos grandes centros urbanos ameniza, de certa forma, a saudade sentida pelo migrante nordestino, que, por força das indignas condições socioeconômicas, busca no Sudeste uma vida melhor, com expectativa de conquistas e realizações, que, em geral, não são alcançadas.

Já na segunda metade da década de 1980, há um acanhamento do cordel na cena cultural brasileira. Muitas editoras fecham suas portas em virtude do insignificante retorno econômico que a produção e a venda dos folhetos vinham proporcionando.

Hoje, no entanto, podemos observar um processo de ressurgimento, possibilitado pela retomada dos valores da cultura popular. Isso nos obriga – enquanto responsáveis pela guarda e disponibilização de acervos – a um olhar sempre atento para novas publicações, com vistas à ampliação do acervo, bem como a acompanhar as atividades realizadas por instituições que também lidam com o tema, objetivando prestar informações mais abrangentes aos pesquisadores e público em geral.

Cabe ressaltar que o poeta pernambucano João José da Silva, proprietário de uma das maiores folhetarias do Nordeste na década de 50, a Luzeiro do Norte, em Recife, inicia em meados de 1997 a reedição de seus títulos em processo digital, projeto lamentavelmente interrompido com sua morte em outubro do mesmo ano, mas que reflete importante esforço de modernização editorial na área.

Também os veículos de comunicação, como rádio, televisão e internet, têm abordado o cordel como produto de valor comercial, o que nos sinaliza, ao contrário do que muitos difundem, que o cordel não está morrendo; mostra-se vivo e em transformação.

A maioria dos folhetos desta coleção é composta em versos; entretanto, com base na dissertação apresentada ao mestrado em Antropologia Cultural do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, por Ruth Trindade de Almeida, em 1981, entendemos ser apropriada a utilização da mesma metodologia de incorporação para os calendários e almanaques em prosa, que têm vários pontos em comum com a produção em versos, tais como aspectos tipográficos, paginação, sistema de venda, autoria, linguagem e conteúdo, destacando-se a utilização, comum, de versos tanto na capa quanto em seu interior, como no *Almanaque do nordeste brasileiro para o ano de 1958*, em que Manoel Luiz dos Santos anuncia (em sextilhas) seu primeiro almanaque composto em prosa:

Vou mudando a oração
Das linhas do pensamento
Para o juízo do ano
Que mostra mais fundamento
Em prosa do que em verso
Lá p'ra seu conhecimento.

ORGANIZAÇÃO E METODOLOGIA

Considerando, minuciosamente, pontos comuns e distintos entre cada grupo de folhetos, e com base no estudo de outras metodologias, estabelecemos critérios para o desenvolvimento do trabalho que dessem conta e mesmo privilegiassem informações que evidenciem a diversidade dessa produção literária, contemplando tanto a 'poesia improvisada' (versos cantados – cantorias, desafios, etc.) quanto a 'poesia de composição' (dos ciclos, por exemplo) (cf. Diégues Jr., *op. cit.*) e os textos em prosa (almanaques e calendários).

Estabelecemos três aspectos básicos: a **forma de apresentação e composição** dos folhetos; o **conteúdo** e as **questões autorais**.

Com relação à **forma**, procuramos abordar o aspecto físico dos folhetos. As capas, que sempre serviram como chamariz de vendas, eram inicialmente ilustradas com desenhos. Essa atividade gerou ocupação para muitos artistas que viviam à margem de qualquer processo de produção – homens do povo que faziam seus desenhos nas calçadas em troca de algum tipo de auxílio dos que os observavam. Outros aspectos que procuramos ressaltar referem-se à paginação, à estrofação e ao ritmo, dados que podem ser resgatados no campo da descrição física dos folhetos.

Quanto ao **conteúdo** dos folhetos de cordel, procedemos à indexação norteados pelos grandes grupos de assuntos referentes à literatura de cordel estabelecidos no Tesauro de Folclore e Cultura Popular, como: abecês, romances, contos, religiosidade popular, personalidades do contexto social e político (Lampião, Padre Cícero, Frei Damião, Getúlio Vargas e outros); fatos da vida urbana e rural – estes inteiramente ligados aos processos de migrações –, cantorias, desafios, etc., entre os temas mais recorrentes. Os recursos oferecidos pelo Tesauro nos proporcionam vasta gama de possibilidades para resgatar a informação, de forma a oferecer a nossos usuários o acesso aos folhetos da forma mais rica e abrangente possível. Todas essas informações ficam condensadas no campo de descritores e de identificadores.

A **questão autoral** é, talvez, a mais delicada no tratamento e abordagem dos folhetos de cordel. São inúmeros os equívocos quanto à autoria e propriedade. Se o autor de cantorias ou de versos impressos sofria o descaso com relação aos direitos autorais, tendo muitas vezes sua obra publicada como de autoria desconhecida, com o surgimento das tipografias, vê ainda mais agravada essa situação. É comum verificarmos tipógrafos assinando como autores de versos que jamais compuseram, o que dificulta, com freqüência, a determinação da verdadeira autoria. Assim, uma vez que em muitos dos folhetos catalogados não foi possível afirmá-la com exatidão, optamos pela informação apresentada na capa do folheto.

O acróstico é um dos meios de identificação de autoria usados na literatura de cordel. Muitas vezes, no entanto, o plagiador modifica algumas palavras iniciais, desfigurando-o, como nos versos de Leandro Gomes de Barros, no folheto *A filha do pescador*:

Lindos dias gozaram / *Belos dias gozaram*
Em paz e grande harmonia / *Na paz de doce harmonia*
A filha do pescador / *A filha do pescador*
Nunca uma vez julgaria / *Nunca uma vez julgaria*
De passar tantos regalos / *De passar tantos regalos*
Rodeada de vassalos / *Rodeada de vassalos*
Onde pobre era outro dia. / *Onde pobre era outro dia.*

Procuramos assinalar a diferença entre autor intelectual e editor proprietário (aquele que possui, entre outros, o direito de fazer correção de erros e revisão dos versos, segundo Borges e Ramos, 1998), incluindo este último no campo **outros autores**.

Muitas vezes o editor, valendo-se desses direitos, apropria-se indevidamente da autoria dos versos. Um dos poetas que mais sofreram com essa situação, Leandro Gomes de Barros teve a autoria de diversos folhetos assumida por João Martins de Athayde e, posteriormente, por José Bernardo da Silva, seus editores.

Abrimos, aqui, breve parêntese para falar sobre cantorias e desafios. Os dois gêneros possuem como um de seus traços constituintes a improvisação; os desafios, entretanto, também apresentam uma parte decorada, ou "obra feita", segundo classificação de Diégues. É interessante notar a grande veia poética dos mestres desses dois gêneros. Os versos brotam com métricas, rimas e ritmos bem marcados. Nos desafios, qualquer deslize de um dos opositores proporciona a vitória do outro, restando ao perdedor "enfiar a viola no saco". Os instrumentos que acompanham as cantorias e os desafios são a rabeca, a viola, a sanfona e o violão. Nesses encontros, normalmente realizados em fazendas ou casas de conhecidos, para convidados, os cantadores fazem uma saudação aos donos da casa e passam então a louvar seus próprios méritos, provocando de forma depreciativa seus adversários, de modo a atrair a atenção dos ouvintes. Os desafios partem de um mote ou tema, sobre o qual os poetas desenvolvem seus versos.

Acerca desses gêneros, nos informa Rodolfo Coelho Cavalcante em seu folheto *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país*:

No início os Cantadores
Cantavam com seu pandeiro
Com triângulo, com rabeca
No Nordeste brasileiro.
As fazendas se alegravam
E os ouvintes deliravam
Nos Salões ou no Terreiro.

Alguns exemplos de cantorias e desafios:

Peleja de Serra Azul com Azulão
(trecho extraído de *Poética popular do Nordeste*, de Sebastião Nunes Batista)

Umas trezentas pessoas
Em pouco tempo afluía
Cada qual mais desejosa
De assistir à Cantoria
Cada um interrogava:
Qual dos dois apanharia?

Nas sextilhas de cantoria com "deixa", o cantador é obrigado a "pegar a deixa", ou seja, a rimar seu primeiro verso com o último cantado pelo adversário, como nos mostra José Hermínio em seu folheto *Peleja de José Pontual com José Hermínio*:

José Hermínio estava
cantando lá em Brilhante
uma véspera de natal
na casa de um feirante
José Pedro Pontual
chegou naquele instante

O dono da casa disse
ótima oportunidade
de virmos Zé Pontual
alta personalidade
cantar com José Hermínio
em nossa sociedade

José Pontual aceitou
e José Hermínio também
o pessoal bateu palmas
dizendo agora tem
uma dupla de poetas
que não faz raiva a ninguém

José Pontual pegou
a sua viola boa
sentou-se e cruzou as pernas
sorrindo muito afinou-a
e disse para Hermínio
cante a primeira loa

H – Desejaria saber	*A*
de onde vieste agora	*B*
a coisa está muito ruim	*C*
ou você é muito caipora	*B*
que cantor bom nesse tempo	*D*
não anda fora de hora	*B*
P – Deixei a minha senhora	*B*
na casa da minha avó	
meus filhos com minha tia	
os bichos com Pedro Bó	
e vim dar-lhe uma pisa	
de arrepiar o gogó.	

Desafio com mote extraído do folheto *Dois glosadores: Azulão e Borborema*, de João Ferreira de Lima:

A chegada de Lampião no Inferno

Autor: José Pacheco

Nisto o dono da casa
levantou-se e fez um riso
disse para os poetas
dois temas eu simpatizo
na dansa tem coisa boa
dansa só tem prejuízo.

Azulão

A dansa é sociedade
é fruto que o amor tem
porque a dansa já vem
da remota antigüidade
não dansa que é covarde
não honra sua pessoa
eu danso que a poeira voa
na dansa tem coisa boa

Borborema

Nos tempos que eu dansava
não durava o meu sapato
fosse na praça ou no mato
pouco dinheiro não dava
a minha roupa eu sujava
saia de bolso liso
perturbava o meu juízo
perdia as noites de sono
alheio chora seu dono
dansa só traz prejuízo!

ASPECTOS FÍSICOS DO FOLHETO DE CORDEL

Capa

Na capa do folheto, encontram-se três tipos de ilustrações:
– xilogravura (assinada ou não)
– desenho (assinado ou não)
– reproduções de fotos e/ou clichês (algumas retratam artistas consagrados do cinema ou televisão).

Também compõem a capa, além do título, informações sobre autoria e propriedade do folheto.

Miolo

O texto dos folhetos pode ter 8, 16, 32 ou 48 páginas. São poucos os folhetos com miolo de 64 páginas, o que, para o cordelista, significa maior gasto de produção. Os papéis mais utilizados são o jornal e o manilha, de baixo custo e boa aderência à tinta tipográfica.

Contracapa

Também conhecida como "página editorial" do poeta popular, é onde ele registra sua biografia, seus editores (se houver) e eventuais patrocinadores, entre outras informações que visam ao contato comercial entre poetas, distribuidores e consumidores dos folhetos de cordel. Os conteúdos mais recorrentes na contracapa são: propaganda poética do poeta-editor; propaganda comercial; propaganda política paga ou voluntária; orações; homenagens; horóscopo e astrologia popular; dados biográficos dos poetas; notícias das organizações poéticas.[1]

[1] Na catalogação dos folhetos, tomamos por base a contracapa para as informações referentes a editor e editora.

PROCESSO DE CATALOGAÇÃO E INDEXAÇÃO

Todo folheto recebido pela Biblioteca Amadeu Amaral é incorporado a seu acervo, salvo quando ultrapassa o limite de até três exemplares idênticos, sendo os excedentes destinados a atividades de intercâmbio com cordelistas e instituições que trabalham com literatura de cordel.

Aqueles originários de acervos específicos recebem, então, no canto direito da primeira página, as iniciais que os identifiquem. Temos, por exemplo, folhetos adquiridos da coleção de Manuel Diégues Júnior, que apresentam as iniciais MDJ. Para toda e qualquer anotação no corpo do folheto, utiliza-se sempre lápis tipo 3B ou 6B.

Após o processo de seleção, os folhetos são registrados no Livro de Registro Patrimonial de Folhetos de Cordel em ordem numérica seqüencial. Ali, são anotados: a data de entrada na BAA, autor, título e ano de publicação, se houver.

Anota-se o número correspondente na primeira página do folheto.

Para a catalogação desse acervo, o critério utilizado foi o de transcrever todas as informações contidas no próprio folheto, sem a pretensão de auferir autoria, editor, versão anterior, modificação de acróstico, entre outras análises e julgamentos possíveis.

A catalogação informatizada tem um mesmo formulário de entrada de dados para os diferentes suportes – livros, periódicos, filmes e vídeos, folhetos de cordel, entre outros – que compõem o acervo da BAA e do Centro de Documentação e Informação da Funarte.

Os campos desse formulário têm como base o Código de Catalogação Anglo-Americano, segunda edição (AACR-2), que define um conjunto de regras para os acervos bibliográficos em geral.

Para a coleção de folhetos de cordel, utilizamos de modo específico os seguintes campos:

– Código

É o número seqüencial de entrada do formulário na base de dados.

– Tipo de material

Campo preenchido com base em tabela numérica interna que identifica diferentes suportes (texto, imagem e som) e suas especificidades (texto: monografias, relatórios, teses, folhetos de cordel em verso, em prosa, etc.).

No caso de folhetos em verso, essa identificação é 125; para aqueles em prosa, 190.

– Notação principal

É o endereço do folheto; o número que identifica a localização de cada obra na coleção. Seguindo ordem seqüencial, é precedido da letra C (cordel).

– Número de registro

Neste campo, anota-se o número que o folheto recebeu ao ser incorporado ao acervo no Livro de Registro Patrimonial de Folhetos de Cordel. No caso de folhetos com mais de um exemplar ou volume, apenas o primeiro será referido neste campo, recebendo numeração única.

– Outros registros

Campo utilizado para associar exemplares idênticos ou volumes de uma mesma obra. Cada um recebe, também, número de registro único, seguido do complemento devido.

Exemplares idênticos:

Ex.: **Número de registro:** 345
Outros registros: 346 – ex. 2
1550 – ex. 3

Volumes de uma mesma obra:

Ex.: **Número de registro:** 495
Outros registros: 496 – v. 2

– Autor

Indicado na capa e/ou na primeira página do folheto. A entrada é feita segundo o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR-2).

Exs.: Barros, Leandro Gomes de
Ferreira Netto, Carlos de Almeida

Uma vez que os poetas populares se identificam de diferentes maneiras e com diversas grafias, a padronização utilizada segue a orientação de Átila Augusto F. de Almeida e José Alves Sobrinho no *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada.*

Em casos de divergência entre as informações da capa e da primeira página, aquela é considerada como principal e a diferença é mencionada no campo de **notas principais informais**, onde constam todas as informações adicionais que se queiram registrar.

Quando o autor indicado na capa do folheto é diferente do contido no acróstico, o primeiro é incluído no campo de autor e o segundo em **notas principais informais**.

– Outros autores

São identificados, acrescentando-se termo referente à indicação de responsabilidade. Para os folhetos de cordel, determinou-se o termo 'ed. prop.' (editor proprietário) para configurar a propriedade da obra.

Exs.: Silva, José Bernardo da, ed. prop.
Silva, José Bernardo da, filhas de, ed. prop.

– Título

Preenchido conforme consta na capa do folheto.

– Outros títulos

Incluído quando há diferenças entre as informações da capa e da primeira página.

Ex.: **título**: A chegada de Lampião no inferno
outros títulos: Lampião no inferno

– In (para analíticas, partes dentro de um todo)

Ver destaque como Anexo, página 24.

– Responsabilidade

São registrados os responsáveis pelo conteúdo da obra, tal como constam no folheto.

Quando não há autoria, faz-se referência apenas ao editor proprietário, se houver, assinalando-se entre parênteses o termo 'proprietário'.

Ex.: João Martins de Athayde (proprietário)

– Edição

Indica as alterações ocorridas pelas revisões, correções e adições. Poucos folhetos têm essa referência.

Exs.: 2ª ed. rev. ampl.
6ª ed.

– Série

Grupo de itens que se relacionam, mantendo seu próprio título e um título coletivo. Poucos têm esta referência.

Exs.: Literatura de cordel; 2
Folclórica; n. 41

– Imprenta

Informa os dados referentes à edição da publicação, conforme o AACR-2. São eles: **local**, **editor** (optou-se por incluir, além da casa editora, o editor proprietário, para frisar a diferença entre o autor e o detentor dos direitos de propriedade da obra) e **data**.

Exs.: Juazeiro do Norte: Ed. prop. José Bernardo da Silva : Tip. São Francisco, 1955
Juazeiro do Norte: Tip. São Francisco, [19—]
Juazeiro do Norte: [s. n.], 1955
Juazeiro do Norte: [s. n., 19—]
[S.l. : s. n., 19—]

– Descrição física

Especifica dados referentes a número de páginas e/ou volumes; número de estrofes contidas em um folheto ou o somatório em volumes; tipo de estrofes e o ritmo; e número de sílabas métricas.

Exs.: 8 p. : 32 estrofes : sextilhas : 7 sílabas
2 v. : 325 estrofes : sextilhas : 7 sílabas

No caso de cantorias/pelejas/desafios, é feita a referência ao ritmo dos versos e estrofes.

Ex.: 8 p. : 32 estrofes : sextilhas de cantoria[2] : quadrão à beira-mar : quadrão trocado

[2] Quando tratamos de **sextilhas de cantoria**, não informamos o número de sílabas métricas, uma vez que possuem forma fixa – sete sílabas.

– Notas principais

Indica as referências adicionais consideradas relevantes.

1. Notas formais:
– código : relaciona, em caixa alta, a primeira letra de cada verso que compõe a estrofe inicial do folheto;
– 1. verso : reproduz o primeiro verso da primeira estrofe;
– Capa: identifica o tipo de ilustração, se xilogravura, desenho, foto ou clichê, observando-se a autoria, se houver;
– Acróstico: reproduz, em caixa alta, o acróstico, se houver.
Quando o folheto tem continuação em outro(s) volume(s), essa referência é feita, como abaixo:

– Código: v. 1 : ONNPAD ; v. 2 : EDPCIP.
– 1. verso: v. 1 : O futuro é como a neve ; v. 2 : Eis a conclusão soberba.
– Capa: xilogravura
– Acróstico: LEANDRO

2. Notas informais:
Reimpressão...
Autoria também atribuída a...
A BAA só possui o v. x
Folheto catalogado a partir de fotocópia.
Folheto reservado
Folheto em prosa

– Descritores / Identificadores

Esses campos compõem as pistas que orientam a busca dos folhetos a partir de diferentes consultas, recuperando as informações neles contidas. É um conjunto de termos relativos à obra num plano mais amplo (descritores) e na perspectiva mais direta (identificadores).

Ex.: **Descritor:** Vaqueiro
Identificador: Caruaru (PE)

ANEXO

In (para analíticas, partes dentro de um todo)

Este campo só é utilizado como referência de um item maior. No caso do cordel, é utilizado quando os folhetos possuem poesias distintas num mesmo livreto, do mesmo autor ou de autor diferente.

Nesses casos, deve-se proceder ao preenchimento de novos formulários, conforme o AACR-2, utilizando-se dos seguintes campos para a parte que está sendo catalogada:

- código: número seqüencial de entrada na base de dados;
- localização: número seqüencial atribuído ao folheto como um todo;
- autor;
- outros autores, se houver;
- título;
- outros títulos, se houver;
- descrição da obra como um todo (campo In): autor, se houver, título e imprenta;
- descrição física;
- notas principais, excluindo-se a informação de capa, já constante da catalogação do folheto como um todo;
- descritores / identificadores.

Ex.: Monteiro, Adalto Alcântara.
Minhas obras de cordel.
p. 7-14 : 25 estrofes : setilhas : 7 sílabas.
Código: NFDE1EV.
1. verso: Nestes versos, meus leitores.
Em: Monteiro, Adalto Alcântara. ABC da economia brasileira. [S.l.: s.n., 19--].

MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE

FORMULÁRIO DE ENTRADA DE DADOS
BASE DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS - BDDOC

1 - Código | 2 - T. mat | 3 - Sigla instituição | 4 - Seleção p/ publicação | 5 - Data de Entrada

6 - Nº tombo patrimonial | 7 - Notação principal (classificação) | 8 - Notação secundária (cutter)

9 - Número de registro

Outros registros

10 - Autor

Outros autores

12 - Título

Outros títulos

15 - Estrutura técnica

17 - In (para analíticas, partes dentro de um todo):

23 - Responsabilidade

26 - Edição

27 - Série bibliográfica

29 - Imprenta

31 - Descrição física

33 - Notas principais

Notas complementares

37 - Resumo

50 - Descritores

51 - Identificadores

GLOSSÁRIO

Abecê: composição poética em que cada estrofe começa com uma letra do alfabeto, como os versos de Rodolfo Coelho Cavalcante em *ABC da minha terra*:

A
Alagoas, minha terra
Que toda beleza encerra,
Coberta de um céu de anil,
É o Berço dos Imortais,
É a 'Terra dos Marechais'
Coração do meu Brasil!
B
Berço eterno, soberano,
Do Marechal Floriano,
Do Barão de Sinimbu
Meu tradicional Estado
Do Pastoril, do Reisado,
Do gostoso sururu!
C
Costa Rego, Góes Monteiro,
Diz o povo brasileiro:
Outros não surgirão mais!...
Góes Monteiro – o Militar,
Costa Rego fez-se honrar
Na "Terra dos Marechais"!

Acróstico: composição poética na qual o conjunto das letras iniciais dos versos forma verticalmente uma palavra, geralmente o nome do autor. Nos versos da estrofe abaixo, o acróstico (AALVES) identifica o nome e a autoria de Apolônio Alves dos Santos no folheto *História da Jeca Tatu*:

A pessoa que chegasse
Ali naquela fazenda
Levava boa impressão
Vendo tão mimosa prenda
Eu vi pelo pensamento
Seu progresso e sua renda

Pode também se referir ao assunto ou tema. Citamos aqui, como exemplo, o folheto *Dito popular*, de Geraldo Moreira de Lacerda, cujo acróstico forma a palavra **popular**.

Patrão, aqui faço ponto
O seu pedido eu já fiz
Popular é tudo isso
Uma coisa aqui eu quis
Levar ao conhecimento
Agora nesse momento
Relembrar o que se diz

Cantoria: arte de cantar; a disputa poética cantada; o desafio entre dois cantadores do Nordeste brasileiro, sob várias formas e gêneros, como a sextilha, o mourão, o martelo e o galope à beira-mar, entre muitos outros (ver Batista, 1982).

Cordel: corda, barbante em que os vendedores expõem os folhetos para venda nas feiras; o folheto de cordel.

Décima: estrofe de dez versos.

Desafio: disputa poética, parte de improviso e parte decorada, entre dois cantadores. Os instrumentos que o acompanham são a viola, a rabeca, a sanfona ou o violão.

Estrofe: conjunto de versos, pés ou linhas.

Folhas volantes ou avulsas: o mesmo que folhas soltas, sucederam as folhas manuscritas onde se registrava a poesia popular antes da imprensa.

Folheto reservado: folheto considerado raro; seu manuseio é controlado.

Galope: sextilhas em decassílabos, segundo o esquema de rimas ABCBDB.

Galope à beira-mar: versos compostos em décimas, com onze sílabas métricas, no sistema de rimas ABBAACCDDC, conforme citadas nos versos de Gilvan Santos no folheto *Cartão postá*.

João hoje cedo já foi lá pra roça	*A*
deixou a Maria olhando as crianças	*B*
olhando pra terra e tendo a lembrança	*B*
da chuva que sempre fazia uma poça	*A*
a terra molhada e molhada a palhoça	*A*
era tudo bonito naquele lugar	*C*
meu Deus se alembre dá gente de cá	*C*
Maria rezava e ali se benzia	*D*
o vento zuava na paia baiia	*D*
Nos dez de galope da beira do mar	*C*

Mote: refere-se ao tema sobre o qual o poeta desenvolve seus versos; pode ser de um ou mais versos para serem glosados ou cantados.

Mourão: cantoria em forma dialogada, em que os cantadores se alternam, cantando, cada um deles, um ou mais versos. Uma das modalidades mais utilizadas é o **Mourão de dez pés lá vai** ou **Mourão de você cai**, estrofe de dez versos com sete sílabas cada, intercalada de quatro relaxos. Conforme citação feita por Sebastião Nunes Batista, em *Poética popular do Nordeste*, existem duas modalidades, uma mais antiga, com dez versos, e outra mais atual, com nove versos.

1° cantador –	*Prepare-se, companheiro,*	*A*
	Para cantar novo estilo.	*B*
1° relaxo –	*Lá vai um dois e três*	*C*
2° cantador –	*Eu não saio do roteiro,*	*A*
	Não me afobo, estou tranquilo.	*B*
2° relaxo –	*Lá vai quatro cinco e seis*	*C*
1° cantador –	*Cantando isto ou aquilo,*	*B*
	Você me chama de pai.	*D*
3° relaxo –	*Sim, para trás.*	*E*
2° cantador –	*E a embocação do gás.*	*E*
4° relaxo –	*Você vai.*	*D*
1° cantador –	*Se eu cair não perco a esgrima,*	*F*
	Você por baixo eu por cima,	*F*
	Se for pos dez pés lá vai	*D*

Número de sílabas métricas: Refere-se ao ritmo melódico do verso. Divisão silábica do verso, a partir de critério fonológico, em que algumas sílabas átonas são desconsideradas.

Ex.: *A vida toda em conjunto*

divisão silábica: A vi-da-to-daem-con-jun (sete sílabas métricas)

Oitava: estrofe de oito versos.

Peleja: contenda poética, parte de improviso, parte decorada, entre duplas de cantadores. Recebe também as denominações de desafio e cantoria. A maioria das contendas se dá a partir de um "mote" ou tema – verso que o cantador repete ao encerrar cada uma de suas estrofes.

Quadra: estrofe de quatro versos de sete sílabas, rimando o 2° com o 4° verso; necessita de outras estrofes para ter sentido completo.

Quadrão: estrofe de metros variados, geralmente em oitavas, no sistema de rimas AAABBCCB.

Relaxo: último verso, em tom burlesco, dito por cada cantador, antes da cantoria do seguinte, no **Mourão de dez pés lá vai.**

Rima: repetição de um som ao final de cada verso que compõe uma estrofe em combinações variadas, como no exemplo da sextilha de sete sílabas métricas na disposição ABCBDB – rimas alternadas – em *O encontro do cego Aderaldo com Rodolfo Coelho Cavalcante*, de Rodolfo Coelho Cavalcante:

Leitores peço licença	*A*
Para narrar uma porfia	*B*
Que tive com Aderaldo	*C*
O cego da cantoria	*B*
No ano cinconta e três	*D*
Na capital da Bahia	*B*

Setilha: estrofe de sete versos.

Setilha de cantoria: estrofe de sete versos de sete sílabas métricas, rimando o 2° verso com o 4° e o 7°; e o 5° com o 6° verso, nos sistema de rimas ABCBDDB.

Sextilha: estrofe de seis versos, sempre de sete sílabas métricas em cada verso, nos seguintes esquemas de rimas: alternadas (o 2° com o 4° e o 6° versos) e emparelhadas e alternadas (o 1° com o 2° e o 3° com o 4°).

Sextilha de cantoria com "deixa": estrofe de seis versos de sete sílabas métricas, rimando o 2°, o 4°, e o 6° entre si (rimas alternadas), devendo o cantador "pegar a deixa", ou seja, rimar o primeiro verso de sua estrofe com o último cantado por seu companheiro, como no exemplo de José Pedro Pontual no folheto *A esmagadora peleja de João Vicente Emiliano com José Pedro Pontual:*

1° cantador:

J. Deixe de sua ilusão	*A*
gabamento é papel feio	*B*
repare o que Jesus disse	*C*
sem demonstra aperreio	*B*
daí comida a quem tem fome	*D*
que ele nos dará meio	B

"deixa"

2° cantador:

P. Quando Jesus Cristo veio	*B*
no mundo já existia	
ignorância e tragédia	
aumentando dia a dia	
já hoje o tempo só presta	
com safadeza e orgia"	

Trova: estrofe de quatro versos de sete sílabas, rimando o 1° com o 3° e o 2° com o 4°, formando sentido completo.

Verso: pé ou linha.

BIBLIOGRAFIA

1. Sugestões de leituras de apoio para catalogação e indexação dos folhetos de cordel

ALMEIDA, Átila Augusto F. de; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 1978. 2 v.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do Nordeste*. Recife, 1981. 226 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982. 124 p.

BORGES, Francisca Neuma Fechine. Literatura de cordel: um banco de dados no Brasil. In: NASCIMENTO, Brásulio do (coord.). *Euro-América*: uma realidade comum? Rio de Janeiro: IBECC, Comissão Nacional de Folclore : Tempo Brasileiro, 1996. p. 111-132.

_____; RAMOS, Maria Jandira. *Catálogo de literatura de cordel*. João Pessoa: UFPB, Editora Universitária, 1998. 527 p.

CAMPOS, Alda Maria Siqueira. *Literatura de cordel e difusão de inovações*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1998. 162 p.

CARVALHO, Gilmar de. *Engenho e arte popular*: xilogravuras de Juazeiro do Norte. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP, 1997. 28 p. Catálogo de exposição.

_____. *Madeira matriz*: cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998. 264 p.

_____. *Publicidade em cordel*: o mote consumo. São Paulo: Maltese, 1994. 205 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1988. 812 p. (Reconquista do Brasil; 151).

_____. *Vaqueiros e cantadores*: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro, [199-]. 275 p.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed. São Paulo: FEBAB, 1983. 2 v.

DIÉGUES JR., Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. *In*: LITERATURA popular em verso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. (Textos da língua portuguesa moderna; 4). v. 1: Estudos.

MARANHÃO, Lêdo. *O folheto popular* (sua capa e seus ilustradores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981. 94 p.

MACHADO, Franklin. *Cordel*: xilogravura & ilustrações. Rio de Janeiro: Codecri, 1982. 90 p. (Fisquim; 140).

PELLEGRINI FILHO, Américo. Gravuras populares e quadrinhos. *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, v. 20, n. 30p. 05-12, jan./abr. 1997.

PEREGRINO, Umberto. *Literatura de cordel em discussão*. Rio de Janeiro: Presença, 1984. 158 p. (Atualidade crítica; 4).

SALLES, Vicente. *Repente & cordel*, literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1985. 287 p.

STRAUCH, Marta; PIMENTEL, Regina. *O folheto de cordel*: aspectos gráficos e iconográficos. Rio de Janeiro, 1975. 123 f. Trabalho acadêmico.

2. Folhetos de cordel citados

ATHAYDE, João Martins de. *A filha do pescador*. Juazeiro do Norte: Tip. São Francisco, 1955. 48 p.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *ABC da minha terra*. Maceió: UFAL, Museu Théo Brandão, 1977.

_____. *O encontro de Cego Aderaldo com Rodolfo Cavalcante*. Salvador: Ed. prop. Rodolfo Coelho Cavalcante, 1957. 13 p.

_____. *Origem da literatura de cordel e a sua expressão de cultura nas letras de nosso país* (para colégios e faculdades). Salvador: [s.n.], 1984. 8 p.

HERMÍNIO, José. *Peleja de José Pontual com José Hermínio*. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, [19—].

LACERDA, Geraldo Moreira de. *Dito popular*. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 1994. 8 p.

LIMA, João Ferreira de. *Dois glosadores*. Azulão e Borborema. Juazeiro do Norte: Ed. prop. João Martins de Athayde e José Bernardo da Silva, 1956. 8 p.

NORDESTINO, Franklin Maxado. *O cordel do cordel*. São Paulo: [s.n.], 1982. 8 p.

PONTUAL, José Pedro. *A esmagadora peleja de João Vicente Emiliano com José Pedro Pontual*. [S.l.: s.n., 19—]. 8 p.

SANTOS, Apolônio Alves dos. *História de Jeca Tatu*. Guarabira: Tip. Pontes, [19—].

SANTOS, Gilvan. *Cartão postal*. Teresina: Corisco, 1986. 16 p.

ISBN 85-7507-032-0

A série **Cadernos técnicos** tem para o CNFCP sabor especial, na medida em que vem preencher antiga lacuna: a disponibilização de informações sobre o desenvolvimento de trabalhos realizados na instituição, socializando instrumentos que possam ser úteis a outras iniciativas no trato da cultura popular.

Seja na forma da sistematização de metodologias específicas ou do relato de experiências, pretende-se, com ela, constituir fonte de consulta nessa área, contribuindo para o intercâmbio de informações entre instituições afins.

FUNARTE
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE

MUSEU DE FOLCLORE
EDISON CARNEIRO
CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE
E CULTURA POPULAR

PATROCÍNIO
VITAE